

O Progresso Catholico

... sequor autem, si que modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens molipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—O dia 3 de março, por José Joaquim de Carvalho.—Secção Religiosa: *A União Catholica: A voz da Egreja atravez os labios do Ex.º e Rev.º Snr. Arcebispo-Bispo do Algarve; S. José, padroeiro da Egreja Universal*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Scientifica: *Os principios catholicos perante a razão, XIV, Os mysterios da Religião*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Critica: *Os Frades*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *Coisas! Coisas!*, por um leitor de gazetas; *Moderação*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Illustrada: *I, S. José; II, A Anunciação*, por R.—Secção Litteraria: *Per viam*, poesia, por Mattos Ferreira; *A's Avè Marias*, por José da Costa Ventura; *O amor da familia*, por J.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

O DIA 3 DE MARÇO!

AVE! LUMEN IN CÆLO!

E' este o nono anno do glorioso pontificado, que assombrou os mundos com assignaladas victorias; e, podemos, com toda a razão, começar o presente artigo, que dedicamos ao nono anniversario da coroação do Nosso SS. Padre, o Papa Leão XIII, com as seguintes celestiaes palavras: *Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus!*

Para que este anno principiamos o nosso artigo com estas palavras, que annunciaram o Redemptor da humanidade?

Vamos dizel-o, em duas palavras.

Os leitores sabem o que era o mundo antes da vinda do Nosso Redemptor; uma phrase biblica exprimirá tudo; *nullus ordo, sed sempiternus horror*. Nasceu Christo e uma nova era despontou á pobre humanidade!

Sabem tambem os leitores o que foi Italia nos ultimos annos do glorioso pontificado do grande Pio IX. Pareceu, por momentos, um cataclysmo medonho que ia sumindo no cruzar dos seus furacões até a Cadeira de S. Pedro! E se serenou um pouco desde 1870 a 76, nos principios de 1877 reapareceu mais ameaçador ainda.

A 7 de fevereiro, baixava ao tumulo o grande Pio IX, e, desde logo a sociedade se envolvia em tremendas agitações, prognosticando todos grandes calamidades á Egreja. O Pontifice da Immaculada, o Pontifice-Martyr, que, com um só aceno seu, mandára embainhar as espadas aos seus dedicados zuavos, como Christo a S. Pedro, esse Papa havia cessado de existir!

Quem, succedendo-lhe no Pontificado, poderia com heroismo d'um martyr, dedicação e caridade d'um apostolo, prudencia e sagacidade d'um estadista, deter a corrente revolucionaria que ia cada vez mais engrossando as suas fileiras em volta da Barca de Pedro?

O mundo christão estava n'uma anciedade inexplicavel, e os auctores da brecha da Porta Pia, contando com a victoria, esperavam que o Pontificado Romano, decabido, contrariado pelas circumstancias do tempo, presa d'uma atonia moral, iria expirar no ataúde do velho Papa!

Porém tal não aconteceu não só; mas até, por occasião de se eleger um successor a Pio IX, Roma e com ella ambos os mundos presenciaram uma eleição assombrosa, phenomenal!

E' innegavel, que na eleição do nosso actual glorioso Pontifice, a Providencia teve seus particulares designios, para confundir o orgulho dos *italianissimos* e desenganar de prompto a vã esperança dos que queriam *enterrar o Papado com o ultimo Papa!*

E' admiravel a rapidez, com que foi feita a eleição de Leão XIII.

Na tarde de 19 de fevereiro tinha Joaquim Pecci (hoje Leão XIII, assombro d'Europa) 36 votos. Era 2.º escrutinio. Ao terceiro teve 44; estava feita a eleição; e, n'este momento solemne, em que os romanos se agglomeravam em multidões na *Piazza di S. Pietro*, para acclamar o novo Papa, os cardeaes, por um impulso unanime, acclamavam Pontifice o cardeal Joaquim Pecci, que confundido, atordoado, ani-

quillado mnr murasse talvez, como solemnemente disse n'este dia. que commemoramos com grande jubilo e alegria:—*Quis ego sum, Domine, quia adduxisti me hucusque?!=*

São raras as eleições tão rapidas:—passando por alto as outras fallaremos, já que commemoramos n'este artigo a eleição e a coroação do Soberano Pontifice, as que se realisaram no presente seculo.

A eleição de Pio VII durou 104 dias; a de Leão XII, 26 dias; a de Pio VIII, 33; a de Gregorio XVI, 50. A eleição de Pio IX era considerada phenomenal, por que se realisou em 48 horas. Para a eleição de Leão XIII 24 horas foram bastantes!!

E o eleito Pontifice tão bem suppriu a grande lacuna que deixara o seu glorioso antecessor, que, graças a Deus, a Egreja não tem tido saudades do Pontificado passado.

Frizemos melhor esta ultima asserção.

Morreu Pio IX, é verdade, mas não desapareceu com elle a linha de conducta que o mesmo traçara para a norma da Egreja; Leão XIII não só foi digno successor de Pio IX, mas tambem um acerrimo executor do programma que traçara Pio IX. Alguem disse que a gloria de Pio IX era Pio IX;—nós se fozemos tão festejado publicista como esse, cujo nome não nos occorre n'este momento, ousariamos accrescentar: A gloria de Pio IX foi Pio IX; mas a gloria do seu Pontificado foi Leão XIII!!

Sim, senhores. Leão XIII cingiu a tiara pontificia, e, para logo, a face do orbe catholico se mudou como que por encanto; a acção da Egreja se exerceu com mais liberdade; o Pontificado Romano appareceu no apogeu da gloria, e para que nada faltasse, para que este assombroso Pontificado se vinculasse com as tradições da idade medieval, para que ennastrasse com mais um florão a tiara do grande Pontifice, para que todos os triumphos diplomaticos o enaltescessem, a Providencia proporcionou-lhe a mediação na questão das Carolinas, mediação cuja importancia sobe de ponto, quando se sabe que o actual arbitro do concerto europeu, o snr. de Bismark, o chanceller de ferro, a solicitou! proporcionou-lhe a amizade do Imperio Celeste, solicitando relações directas com a Corte de Roma, amizade d'um imperador que tem por subditos 360 milhões de homens!

Não é tudo.

Aqui Montenegro concluindo a concordata, afim de assegurar e proteger o catholicismo, acolá Portugal, consolidando a obra do grande Xavier, o mais longe a Inglaterra e a Alemanha, tratando de estabelecer embaixadas junto do Vaticano, para entreter relações officiaes com a corte Pontificia!!!

Tem-se visto triumphos tão assombrosos? E não tinhamos razão para começarmos o presente artigo com estas bellas e esperançosas palavras, que os anjos cantaram annunciando paz ao mundo:—*Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus?!*

Leão XIII! Quem o não admira como Pontifice, como sabio, como estadista, como pastor, como Apostolo, como poeta? Quem não vê n'Elle o anjo da paz, annunciando-a e dando-a ao mundo? Quem não vê n'Elle o archanjo exterminador que do Vaticano fulmina, sem cessar, os inimigos de Deus e da Egreja?...

Leão XIII! Nome respeitadissimo e assombroso que, cercado de refulgente aureola, has de passar aos seculos porvindouros, aceita as homenagens que te dirigimos n'este dia solemne em que todo o universo catholico te sauda, e, se bendito para sempre que o teu glorioso destino é illuminar com o teu reflexo as futuras gerações!

Grande Pontifice! Gloria de Carpineto, honra e timbre da Egreja Catholica! A sua sabedoria é tão profunda, que os maiores sabios do mundo admiram-a sem cessar; tão grande é a sua prudencia e tacto diplomatico, que em pouco tempo conseguiu as mais assignaladas victorias, os mais admiraveis triumphos! Tão generosa é a sua caridade, que, apezar de pobre e viver de esmolas, distribue-as em todo o mundo onde ha desgraças a reparar, misorias a alliviar! Tão sollicito é o seu zelo apostolico que os seus ensinamentos chegam até aos confins da terra, e bispo de Roma parece sel-o de cada diocese do orbe!

Assombroso Pontificado! Triumphos religiosos, triumphos diplomaticos, novos horisontes á acção benefica da Egreja, novos amigos, novos alliados; triumphos e victorias em toda a parte; eis a synthese do actual glorioso Pontificado! *Iustitia et pax osculatæ sunt*, será o rotulo que o transmittirá ao pasmo e admiração das gerações vindouras!!

Concluimos. Num artigo do jornal não se pode encerrar a gloriosa historia do actual Pontificado; para escrevel-a devidamente ha de ser preciso muitos volumes. Os competentes o farão;—nós apenas nos limitamos a saudar o nono anniversario da coroação de Leão XIII.

Beatissimo Padre! Tem sido e será glorioso o Vosso Pontificado, não é preciso que o diga um obscuro indio, como nós; mas permitti, SS. Padre, que aqui consignemos, que tambem entre nós, aqui, na India Portugueza, se solemnisa o anniversario da Vossa coroação com jubilo e alegria.

Para a gloria da Egreja e consolação da humanidade Deus Vos dê longos annos de vida para, qual Judas Maccabeu, dirigir as pugnas do Senhor.

Deus Vos salve, glorioso Pontifice!

Ave! Lumen in caelol

(India Portugueza—Salsete).

José Joaquim de Carvalho.

GUIMARÃES 15 DE MARÇO DE 1887

SECÇÃO RELIGIOSA

A União Catholica

A Voz da Igreja atravez os labios
do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.
Arcebispo-Bispo do Algarve

CONTINUAMOS pugnando pela União
de todos os Catholicos, chamando
a attenção de todos para a se-
guinte Carta Pastoral do veneran-
do Prelado do Algarve:

*Dom Antonio Mendes Bello, por mercê
de Deus e da Santa Sé Apostolica,
Arcebispo-Bispo do Algarve, do Con-
selho de Sua Magestade Fidelissima,
Par do Reino, etc.*

Ao III.^{mo} e R.^{mo} Cabido, Reverendos Paro-
chos, Clero e mais fleis d'esta Nossa Dio-
cese, saude, paz e benção em Jesus Chris-
to, Nosso Divino Redemptor.

I

O Santissimo Padre Leão XIII, que
óra felizmente preside á Igreja de Deus,
dignou-se renovar por mais doze annos,
em beneficio dos fleis d'este Reino Fi-
delissimo, a concessão da Bulla da Santa
Cruzada, a cujos privilegios e graças
acrescentou, por Sua Apostolica Liber-
alidade, outros muito importantes e sin-
gularmente valiosos.

E assim, ao passo que é dever nos-
so testemunhar a mais viva gratidão
pelas respeitadas instancias com que
Sua Magestade El-Rei sollicitou do Su-
premo Chefe da Christandade tão abun-
dantes e preciosos dons, como os que
no Summario da Bulla se encontram de-
signados, grave tambem e mais que im-
periosa se torna a obrigação em que
nos achamos constituidos de, com a
maior humildade e filial affecto, eleva-
mos ao solio Pontificio, á presença ve-
neranda do Pae commum dos fleis, a
manifestação sinceramente christã, pro-
pria de bons filhos e verdadeiros ca-
tholicos, do nosso inolvidavel e subli-
missimo reconhecimento pelo incessante
zeλο, accurada sollicitude e paternal ca-
rinho com que Sua Santidade promove
a salvação das almas e a prosperidade
da grey christã.

A Bulla da Santa Cruzada, com as co-
piosissimas indulgencias e graças que
podem lucrar todos os que a tomarem,
é documento frisante e prova irrefra-
gavel da munificencia e benignidade do
Romano Pontifice, Vigario de Jesus
Christo na terra. Apontar agora, uma
por uma, essas indulgencias e graças,
esses privilegios e dons, que todos re-
vertem em favor das almas, e bem as-

sim descrever as vantagens temporaes,
cada qual mais ponderosa, que se in-
tentam e objectivam com a pequenissima
esmola que teem de ofertar os que to-
marem a Bulla, não o julgamos neces-
sario, e seria talvez ocioso, visto como,
filhos dilectissimos, alem de conhecer-
des já tão preciosos thesouros, e d'elle
vos haverdes aproveitado, segundo de-
vemos crer, os vossos parochos, a quem
muito prezamos e que tão salutaes al-
livios e soccorros efficazes Nos dispen-
sam no exercicio do sagrado Ministerio
em que connosco cooperam, não dei-
xarão de com frequencia e diligente em-
penho vos instruir convenientemente
sobre assumpto que tanto se recommen-
da pela sua altissima importancia reli-
giosa e social.

E que não é infundado este Nosso
pensar, e menos ainda temerario o
juizo, que vimos de emitir, prova-o so-
bejamente a maior distribuição que, nos
ultimos annos, a Bulla da Cruzada ha-
tido n'esta Nossa querida Diocese, o
que, sendo evidente indicio da pureza
das crenças religiosas e sentimentos
christãos do rebanho, proporciona tam-
bem ao seu pastor humilde motivos le-
gitimos para santas consolações e con-
fortos mui salutaes.

Dizer-vos n'este momento quam gran-
de é o jubilo de Nosso coração agrade-
cido e exhortar-vos com a mais viva
instanciã a que prosigaes, com fervor
sempre crescente, na manifestação dos
vossos respeitos e desvelado affecto
para com uma instituição assignalada já
por abundantes fructos de benções, de
piedade e de religião, é dever que mui
gostosamente preenchamos, e a que não
saberíamos faltar.

Certo estamos, irmãos e filhos caris-
simos, de que assim os testemunhos de
agradecimento que óra vos rendemos,
e aos quaes tendes indiscutivel direito,
como o appello que novamente fazemos
aos vossos sentimentos de filhos dedi-
cados da Santa Igreja, calando funda-
mente na vossa alma de christãos, se-
rão por vós accites com benignidade
e attendidos com promptidão. E, pro-
cedendo assim, como confiadamente es-
peramos, dareis prova clara de que, em
sinceras e cordeaes manifestações de
veneração e acatamento para com a uti-
lissima instituição da Bulla da Cruzada,
não sois inferiores, antes procuraes imi-
tar as demais Dioceses da Nação Fide-
lissima que, em todos os tempos, e não
só nos que vão correndo, tem demons-
trado por uma forma bem significativa,
que despreza e repelle as doutrinas im-
pias e subversivas com que os obreiros
do mal, cegos pela vaidade e pelo or-
gullo, tentam desvairar a razão dos
povos, extinguir ou amortecer n'elles a
chamma ardente da caridade christã,
diligenciando com tenacidade persisten-

te incutir no animo dos incautos o mais
rancoroso odio e hostilidade iniqua
contra a Igreja Catholica e suas insti-
tuições.

A Bulla da Cruzada, com ser da mais
evidente utilidade e origem fecundissi-
ma de beneficios momentosos, que to-
dos reconhecem e apreciam, tão largos
que abrangem todo o Reino e suas con-
quistas, e de tão facil consecução, que
cada fiel pode d'elles aproveitar-se, no
interesse da sua salvação, quando nas
condições devidas tomar o respectivo
summario, não tem escapado aos as-
sultos da impiedade, ás pungentissimas
ironias dos incredulos, aos insultos de
uns e á indifferença d'outros, como se
tal instituição representasse um podero-
so inimigo a combater, ou um perigo
eminente a desviar.

E' a sorte reservada a tudo que é
santo e justo, a quanto se offerece com
o caracter de verdadeiramente religioso
e christão. Todos os dias e em toda a
parte se nos deparam espectaculos d'es-
se genero, que, sendo muito para lasti-
mar, não podem, todavia, nem devem
levar aos corações catholicos o desani-
mo ou frouxidão, antes cumpre enca-
ral-os com resignada paciencia e reco-
nhecel-os como estimulo energico que
nos levante os brios, nos incite a von-
tade, nos disponha e faça preparar para,
sem receios nem desfallecimentos, e
sim com denodo e coragem, acompa-
nhada sempre da mais vivida caridade,
entrarmos no combate em defesa da
causa sacratissima da Religião, que o
é tambem da civilização e da humani-
dade.

(Continua.)

S. José

Padroeiro da Igreja Universal

(Festeja-se em 19 de março)

QUANDO Maria está de volta em
Nazareth, aqui se encontrou
com um personagem: é José,
obra maravilhosa da graça de
Jesus.

O Evangelho não tem para
elle senão uma unica palavra: «Era
justo.» A missão com que é honrifica-
do e a maneira como elle a cumpriu
põe-nos perfeitamente em relevo a
abundancia d'esta justiça.

José recebeu de Deus, com relação a
Maria e a Jesus, a affeição, a vigilancia
e a auctoridade do esposo e do pae.

E' sobre o modelo de Maria como
elle é gerado; como Maria filho de Da-
vid, virgem como ella, humilde como
ella, obediente, cheio de prudencia e
de força de animo.

Semelhante ao patriarcha José, assim transcendendo-o pela perfeição dos seus merecimentos como pelo character da sua missão; não só casto, senão virgem; não só instruido, senão inspirado e dirigido por Deus. José, filho de Jacó, conserva o trigo necessario para si e para o povo; José, esposo de Maria, recebe o pão vivo e o guarda para si e para todo genero humano.

E'-lhe dito: «Recolhe o Menino», como se Deus lhe dirigisse a palavra que o Propheta dirige a Deus mesmo: «Tu tem cuidado do pobre».

José é o typo dos Apostolos, que hão de trazer o Christo pelo mundo inteiro. Assim é como se exprimiram S. João Damasceno, S. Bernardo, e outros Padres e Doutores.

Um grande servo de Deus, que vivêra em nossos dias, aprofundou ainda mais este bello mysterio.

Quando José, após Maria, se aproxima para adorar Jesus no presepio, é — diz o padre Faber — a sombra do Padre eterno que para por cima do Menino, e o nascimento temporal do Filho de Deus completa-se com esta figura do seu natal sem principio nem fim.

José está em presença de Jesus visivelmente em lugar do Padre eterno. A alma humana de Jesus o olhava não só com o mais terno amor, senão também com o mais profundo respeito e ineffavel submissão. Eis porque diante do humilde e doce José o respeito principalmente nos domina, attenta esta sombra de identidade com o Pae.

Se não podemos descrever a sua santidade, é porque nos falta termo de comparação. A santidade de José, mais transcendente que a dos outros santos de Deus, é além d'isso de uma sorte differente. José foi uma aparição no mundo, uma aparição do Pae não gerado mas eterno.

José é doce e clemente, é pobre e obscuro, é passivo e docil; e é conjunctamente o reducto inexpugnável onde se acolheram a honra de Maria e a vida de Jesus.

Occulto como Deus, cheio de uma

tranquillidade divina; justo, de uma justiça temperada pela misericórdia como a justiça de Deus. Elle com Deus communica quando dorme, como se o seu somno não fôsse senão o repouso mystico da contemplação. Elle foi o primeiro que após Maria adorou Jesus, e o Menino o santificou mais uma vez, o elevou a uma esphera mais eminente de santidade, afim de que elle pudesse ser o superior official de seu Deus.

Quem descreverá aquelle momento do

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

(Continuado de paginas 76)

XIV

Os mysterios da religião

QUEM ha ahí que duvide da gravidade dos corpos e da germinação maravilhosa das plantas? E estes mysterios explicam-se hoje sufficientemente? Não poderão um dia explicar-se de outro modo? Chegou-se a comprehender a causa porque os succos extrahidos da terra, uns que engrossam o vegetal, outros que o fazem crescer, se convertem uns em botões de folha e outros em variegadas flôres, das quaes nasce o fructo, germen abundante de innumeraveis plantas? Tem-se podido explicar os mysterios da reproducção, faculdade maravilhosamente concedida aos seres, tanto animaes, como do reino vegetal? Observamos segredos e mysterios e ha arcanos em a natureza que o homem se afana para comprehendê-los e que nem sequer pôde explical-os exactamente? Quem



S. JOSÉ

nos assegura de que as theorias astronomicalas não hão de mudar com novos descobrimentos? Chegou-se a demonstrar a mysteriosa formação dos metaes nas entranhas da terra? Julgam seguras os geologos as suas theorias engenhosas? Como indubitaveis tiveram os sabios da Grecia os seus conhecimentos, e julgaram uma loucura o projecto de communicar entre si os continentes da terra, fazendo passar o fogo pelo meio dos mares; e todavia o telegrapho electrico, atravessando o Oceano, poz em practica um pensamento que antigamente ter-se-hia desprezado. O ar era tido como imponderavel, até que Gallileu e Torricelli provaram o contrario, passando esta hypothese a ser um princi-

presepio, quando Jesus recém-nascido contempla pela primeira vez com os seus olhos humanos o rosto de Maria? Quem dirá a alegria e o respeito dos seus olhares volvidos para S. José, o homem escolhido para ser chamado seu pae, que ha de merccer esta gloria, que ha de merccer o viver mais do que outros na sua intimidade, e que emfim, possamos pensal-o, o ha de amar mais do que ninguém?

Jesus, Maria, José! tres reinos de Deus dos quaes Deus era o unico rei; tres creações, e o Creator era uma das creações; tres, e todavia unidade maravilhosa de amor; trindade terreal!

J. C. de Faria e Castro.

pio demonstrado. Qualquer estudante de physica sabe hoje perfeitamente o que os antigos philosophos julgavam chimerico e indemonstravel.

Ha seguramente grandes e profundos mysterios no mundo physico, sem que possamos confiar demasiado nas theorias dos sabios, recordando-nos de que Copernico desautorizou o sistema de Plolomeu sobre o movimento planetario, mudando completamente uma crença universalmente seguida. Pois se Deus limitou a razão humana no estudo da natureza, cujos segredos elle mysteriosamente occulta, não deve estranhar-se que limitasse da mesma maneira a intelligencia dos homens na ordem superior; e da mesma forma que acreditamos na gravidade dos corpos, germinação das plantas, formações geologicas, na mysteriosa lei da reprodução, e mais phenomenos cujo segredo desconhecemos absolutamente, devemos crer nos dogmas da religião; e assim como na ordem natural existem mysterios, assim tambem ha mysterios na ordem sobrenatural reservados á intelligencia finita da nossa condição humana.

A incredualidade sobre este ponto é muito pouco razoavel. Deus, infinitamente superior á natureza, tem os seus mysterios: será justo aspirar a sondal-os o homem que é impotente para conhecer os segredos naturaes?

Quem pretender traspasar o limite traçado á razão, e com temeraria curiosidade e nescio orgulho intentar descobrir estes mysteriosos dogmas que o seu Creador occulta, cairá indubitavelmente nos erros; porque Deus desceria ao nivel dos mortaes, se a razão d'estes podesse comprehender os difficeis e divinos mysterios.

São impenetraveis os dogmas do catholicismo, e a natureza occulta segredos; mas crendo n'estes docilmente, como negar aquelles? Se crêmos que existe a verdade mysteriosamente occulta nos arcanos naturaes, devemos crer que a obscuridade dos mysterios sagrados não pode destruir a sua certeza; e supposto acreditemos nos segredos das sciencias por revelação dos sabios professores, com melhora de razão devemos crer os dogmas que o proprio Deus revelou.

Deus, que não pode enganar-se nem enganar-nos a nós, ensinou uma doutrina fundada nos mysterios; torna-se indispensavel crer o que Elle nos disse, pois nega a Deus quem nega os seus mysterios. Entre o atheismo e a crença dos dogmas não ha meio termo.

E' impossivel descobrir certos segredos que o coração humano maliciosamente occulta, e querem impiamente averiguar os segredos da Omnipotencia divina! Tempo virá em que as almas bemaventuradas conheçam os myste-

rios que n'esta vida são incomprehen- siveis; mas praza a Deus exercitar primeiro a nossa fé para fazer-nos dignos da recompensa. Sem a luz da fé, que nos aparte do erro, caminharemos sempre ás escuras; e a fé seria inutil se conhecessemos o modo dos dogmas.

E' preciso convencermos-nos de que se nas sciencias naturaes não podem limitar-se os progressos da intelligencia humana, as suas temerarias invasões na ordem moral estão contidas no forte dique da vontade divina.

São grandes os adiantamentos do genio na mechanica, na industria e em todas as sciencias; foram maravilhosas as suas artisticas creações, e de grande belleza as suas obras litterarias. Mas que tem adiantado as investigações philosophicas sobre os mysterios em tantos seculos de estudo e de trabalho?... Os incredulos deveram ter aprendido que não ha verdade nenhuma que exceda a crença catholica.

Existe alguma concordancia e harmonia entre os systemas oppostos ao catholicismo? Poderam alguma vez os inimigos da nossa religião convir em algum ponto?

O atheu nega a existencia d'um Deus que os deistas aceitam; estes rejeitam a revelação na qual crêmos os judeus, os quaes impugnam o mysterio da encarnação professado no christianismo.

Calvino negava o mysterio da Eucharistia, que Lutero defendeu, ainda que impugnava a transsubstanciação que os catholicos crêmos. Tão notavel differença de opiniões sobre os mysterios é a maior prova de que elles não podem offender a razão, senão as paixões e o orgulho satanico dos herejes, ou talvez os interesses politicos de algum governo impio.

O deista confessa a existencia do Omnipotente, e não sabe explicar-nos a sua natureza e os seus attributos, pois incorre na torpe contradicção de disputar a Deus a faculdade de fazer milagres, limita-lhe a providencia suppondo-o indifferente ás acções humanas, e rebaixa a sabedoria eterna negando os mysterios que não pode comprehender.

Que grande systema é certamente o racionalismo! systema quando menos de commodas resoluções! porque é muito commodo negar tudo aquillo que não se pode entender. Já demonstraram estes philosophos a omnipotencia do entendimento humano? E' impossivel semelhante prova, porque a razão é finita ou limitada, e o que é finito não é omnipotente; como, pois, intentam fundar na razão qualquer crença?

Necessitariamos ter fé se não houvesse mysterios? pode existir a religião sem fé? A primeira das virtudes theologaes e o fundamento da nossa religião catholica é a fé, recommendada

com frequencia nos sanctos Evangelhos: Bemaventurados os que não viram e creeram, disse Jesus Christo ao seu discipulo Thomé, e dizia a S. Pedro quando o tirava das aguas: *Oh homem de pouca fé! Porque duvidaste?*

Pois assim como este Apostolo se submergiu no mar quando perdeu a fé, assim naufragarão todos os christãos que em igual desgraça incorrerem.

O christianismo sem mysterios seria uma instituição puramente humana, incapaz de inspirar aos Apostolos o vigor e a fortaleza de que necessitavam para se lançarem ao meio d'uma sociedade idolatra, ensinando a moral mais opposta aos costumes d'essa sociedade, uma moral de abnegação e sacrificios, pela qual pereceram desastadamente.

Mas o christianismo com os seus dogmas e sanctos mysterios é aquella instituição divina que triumphou de judeus e pagãos, do poder immenso dos Cesares, e de tantas e tão ousadas heresias que a têm combatido desde a sua origem.

Não podemos concluir este artigo com auctoridade mais digna de respeito para os incredulos que a do impio J. J. Rousseau; nem tememos ser accusado de parcial offerecendo um fragmento traduzido d'este celebre philosopho, com preferencia a outros de Bossuet, Massillon, e até do proprio Marmontel.

Diz, pois o auctor do *Emilio* o seguinte: «São tão grandes e consoladores os pensamentos que os nossos dogmas nos offerecem, são tão apropriados para elevar a alma e firmar a base da virtude, facilitam-nos o conhecimento de Deus debaixo de relações tão proprias para o amarmos, que todo o coração recto e virtuoso se vê na necessidade de crer nos mysterios. O espirito mais descontentadigo submete-se a elles, quando repara que elles offerecem menos idéas incomprehensíveis do que absurdos ha em todos os demais systemas.»

Continua.

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO CRITICA

Os Frades

MUITO se tem dito e escripto contra os frades: doestos, aleives, odio inveterado e systematico, mas sem fundamento. A impiedade e a libertinagem, á força de calumnias e absurdos, chegaram a fazer da palavra frade um termo de injuria.

Mas as cousas são como são, e não

como as pintam os espiritos mal esclarecidos e mal intencionados.

Escrevendo ha tempos n'esta *Revista* um artigo a outro respeito, e alludindo por incidente á extincção das Ordens Religiosas em Portugal, fizemos algumas reflexões que vamos reproduzir, desenvolvendo mais este topico.

Certas pessoas, cujo forte não é a religião, nem a tolerancia, nem a verdadeira liberdade, apesar de presumirem de muito liberaes, tem clamorosamente accusado de degeneração as Ordens Religiosas em Portugal, no ultimo periodo da sua existencia.

E, entre outros motivos, allegam este como causa justa e sufficiente da extincção das corporações regulares.

Respondemos que esta arguição em sentido absoluto é infundada. Sempre houve no claustro homens de virtude inteiramente devotados ás funcções do seu santo ministerio, verdadeiros religiosos.

E suppondo ainda que fosse d'algum modo verdadeira aquella asserção, não triumpharia por esse lado a causa dos inimigos dos frades.

Primeiro que tudo ouçamos o que diz Rodrigues de Bastos nos *Dois Artistas*, livro publicado em 1853:

«Não se diga que taes Ordens tinham degenerado; que faziam monopolio das suas riquezas que eram improductivas; e que a sua existencia era perigosa á liberdade.

«A asserção absoluta da sua degeneração é uma asserção absurda e atroz. Na maior parte d'ellas não havia degeneração alguma, como é bem notorio. E quando n'uma ou n'outra a houvesse, seria d'alguns dos seus membros, nunca da Instituição.

«N'esses membros, pois, n'esses individuos é que devia recahir a pena da sua relaxação, e não na corporação, cujos exemplos elles não tinham seguido, ou cujas leis tinham violado.»

Assim se exprime um homem de virtudes praticas, o auctor da *Virgem da Polonia* e d'outras obras religiosas e moraes.

Omittimos o resto do capitulo dos *Dois Artistas*, que é digno de se ler: é uma completa defeza das Ordens Religiosas contra os seus gratuitos accusadores.

Merece tambem ler-se sobre este ponto a bella obra de Pedro Diniz — *Das Ordens Religiosas em Portugal*, impressa em 1853.

No prologo da 2.ª edição diz o insuspeito auctor:

«Os frades hão de tornar, firmemente o cremos; porem, quando vierem, serão festejados com os braços abertos; porque tudo quanto em seu desabono se ha dito, a experiencia se fez cargo de o desmentir.»

E' sabido que o decreto dictatorial da extincção das Ordens Religiosas em 1834 foi feito em virtude d'um *Relatorio* do ministro Joaquim Antonio de Aguiar.

A este respeito o Summo Pontifice Gregorio XVI, no consistorio secreto de 1 de agosto do mesmo anno, diz o seguinte:

«Fallamos, Irmãos Veneraveis, do *Relatorio* previo da mesma lei (o decreto da extincção), o qual contem *cousas tão falsas e criminosamente ditas*, que não parece poder o homem o peor animado contra a Religião e sagrados Institutos, proferir-las mais injuriosas ás Religiosas Familias, mais erroneas e mais contrarias aos nada duvidosos monumentos da historia ecclesiastica.»

Ninguém ignora, e já alguns do campo liberal o tem confessado, que essa extincção foi o resultado da acção magica que preponderava no governo de 1834.

Depois d'isto diremos que nada pôde supprir vantajosamente o clero regular, nem pelo lado da sciencia, nem pelo da virtude e da moral.

O clero secular, apesar de que em todos os tempos apresentou modelos nas sciencias e em todo o genero de litteratura, em geral nunca pôde adquirir aquelles conhecimentos scientificos, que com mais facilidade adquire o clero regular.

Em todas as epochas os frades se distinguiram pela sua variada erudição em todos os assumptos. Entre elles só era ignorante aquelle a quem a natureza não tinha talhado para o estudo, e que possuia uma inteira negação para as sciencias.

Comtudo esse mesmo sabia mais alguma cousa que o homem que vivia no tumulto do seculo, sem os meios que subministra o claustro.

E' uma observação que pedimos que todos façam. Quem lê ou estuda sabe mais do que aquelle que o não faz. Logo o frade, de pouca intelligencia, devia saber alguma cousa, porque o frade era obrigado a ler e a estudar.

Fallamos em regra geral; as excepções confirmam a regra.

Dizia-se, por exemplo: o frade fulano é um estúpido:—e que seria elle se não fosse frade?

Ora pois o claustro foi sempre officina de sabios e de santos, não obstante haver tambem alli alguns discolos, como ha e sempre houve em todas as classes e em toda a parte.

Já em seu tempo dizia Santo Agostinho que em todas as aggremações havia membros discolos, sem que todavia com isso soffresse toda a sociedade, uma vez que esta não fosse viciosa ou má por sua natureza.

Ora, a associação religiosa das cor-

porações regulares não só não é uma instituição má por sua natureza, mas antes, pelo contrario, é santa: na sua origem, no seu fim, nas suas regras, nos meios que adopta, tem todas as condições d'uma instituição digna de louvor e approvação. Sob o ponto de vista religioso, moral e social, nada ali se contem que mereça vituperio e censura.

Assim já se vê que aos olhos da religião, da moral e da sã philosophia não podemos condemnar as Ordens Religiosas, que necessariamente deviam dar bom fructo, como toda a arvore boa, na phrase do Evangelho.

E effectivamente deram bom fructo, digam o que disserem os seus inimigos. Mas, em todo o caso, um verdadeiro catholico não pôde condemnar em these as Ordens regulares.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Coisas! Coisas!

O sr. Joaquim do *Conimbricense* está doido, ou então a Reacção tem tomado umas proporções que já não ha forças humanas que a façam recuar; nem Bismark com todas as forças da Alemanha é capaz de se pôr diante d'ella, da Reacção. E se julgarmos que exageramos leiam o que o dito sr. Joaquim escreveu:

«Pois é um facto! Entre muitos exemplos no paiz, temos um o revoltante n'esta cidade!

«Acha-se, como dissémos, estabelecido em Coimbra o quartel general da reacção fanatica.»

Esta confissão do sr. das collecções vale, eu sei lá! vale uma certa conta, ora não vale amigos e queridos leitores?

«Tem a seita succursaes em muitos dos concelhos do districto, e correspondem-se os directores e directoras com outros muitos centros de acção jesuitica em diferentes pontos do reino.

«Criam-se associações, que são uma especie de sociedades secretas, com o fim de irem pouco a pouco conquistando as familias para a seita.»

Isto nas barbas do *Conimbricense* e da Associação liberal de Coimbra, já é audacia da parte da Reacção! E não só audacia, mas prova de que ella, a seita negra toma de novo certa importancia que bem faz pensar que os taes da *liberdade* não passam de uns pedantissimos ninguens, umas cousissimas nenhuma.

Continua o sr. Joaquim:

«... ..
«E' um trama verdadeiramente infer-

nal e com elle vão gradualmente dominando as familias e a sociedade.

«Os meios de que dispõem são formidaveis. Tem como auxiliares os jesuitas de casaca, e uma cohorte de agentes que invadem tudo.

«É sempre em nome da religião, e sempre em nome da educação; mas religião fanatica e educação subserviente e estulta!

«Em quanto a seita negra trabalha com uma actividade pasmosa, e mina por todos os modos a sociedade, os governos dormem, quando mesmo não são conniventes n'esses tramas.

«Não se querem indispor com os influentes da reacção, que tem o seu maior apoio altamente collocado. Não querem crear attrictos, que os possam precipitar do poder.»

E esta? Olhem o que diz o snr. Joaquim, do *Conimbricense*, que é tal o apoio que tem a Reacção, que os governos não querem nada com ella com medo de que os precipitem do poder! Como nós estamos fortes, como podemos erguer altivos a frente, porque os governos estão sob o nosso dominio, ainda que roubando os bens das Collegiadas, vendendo em hasta publica os bens das mitras e das confrarias com 90 por cento de abatimento, etc., etc.; mas o snr. Joaquim diz que estamos de cima, viva o snr. Joaquim, que tem ainda a palavra:

«.....
«E no entanto a seita negra *caminha, caminha sempre*; e quando quizerem dar-lhe remedio já não hão de poder.

«O maior perigo que ha nos tramas da reacção fanatica está em que, a par dos seus trabalhos apparentes e publicos, ha outros occultos e subterraneos, que não são conhecidos senão pelos directores e directoras da seita negra; de fórma que em regra se veem os effectos, ignorando-se as causas.»

Tem cousas este snr. Joaquim! Mas falta-lhe a melhor cousa, é a devoção a Santa Anna. Se a seita negra o podesse costumar a rezar a esta santa, que é advogada das mioleiras de fraca construcção como a do snr. Joaquim de Carvalho, fazia um grande serviço à humanidade, ainda que nos privasse de carradas de riso que ás vezes apanhamos lendo este snr. Joaquim dos nossos peccados.

No Porto então muda o caso de figura. Aqui, na cidade da Virgem, não tem quartel general a Reacção, mas tem o seu quartel a mais infamissima seita que se conhece—a negra e a vermelha, que são as peiores; a seita negra do snr. Joaquim, é uma invenção sua, e ao que elle se refere é a Igreja catholica, que tem vestes brancas, alvissimas como a sua bandeira, puras como as suas

leis, formosas como o espirito que a anima. Em Coimbra ha esta seita, a branca, ainda que o snr. Joaquim lhe chame negra, porque é costume dos da geringonça chamar ao preto branco, e ao branco preto.

Os agentes da seita vermelha e preta no Porto, são a imprensa, a escoria da imprensa portugueza, a vergonha das fabricas de papel, pela maneira como enodoam um producto que tão bem se podia empregar. Estes agentes tiveram ha dias pasto para as suas ferroadas, para as suas cabriolas, ao saberem que duas raparigas foram postas fóra d'uma casa de regeneração, do Porto.

Os jornaes das ruas, como o *Primeiro de Janeiro*, *Jornal da Manhã*, etc., deram por paus e por pedras, mentindo, e desfigurando os factos, atrapalhando tudo, com o fim, já se vê, de armarem ao effecto e levar a agua ao seu moinho, ou dos patrões que lhe pagam.

Disseram que as raparigas fugiram, que na casa lhe não quizeram dar a roupa, que foi necessario frustrarem a vigilancia da casa para saltarem o muro, etc., etc., e para cumulo de patifaria um dos jornaes chamou ás senhoras da Quinta Amarella Irmãs Hospitaleiras, com a manha de *bons* informadores para ir indispondo os que concorrem com os dez réis, contra as Hospitaleiras.

Alfinal de contas, depois de tudo averiguado, aqui vae a verdade do facto, que achamos n'um jornal lisbonense:

«Na ultima quarta-feira foi ordenado um serviço domestico qualquer a uma das Magdalenas que se albergam na Quinta Amarella. Recusou ella terminantemente fazer esse serviço. A desobediencia a ordens superiores é incompativel com a disciplina que se deve sempre manter em qualquer instituição. E como no caso que nos occupa a desobediencia foi formal, absoluta e sem emenda, o castigo devia ser necessariamente e foi a expulsão da discola.

Ao mesmo tempo que esta foi despedida, uma outra recolhida mostrou desejos de sair para acompanhar aquella; porém, convencida de que procedia mal, deixou-se ficar. No dia immediato, quando todas se dirigiam para a missa, aquella que queria acompanhar a penitente que foi despedida, foi ter com esta ao segundo andar da casa, onde ella entrara a occultas por uma porta traves-sa. Conhecida a desobediencia d'uma e a resistencia da outra para de novo ficar na casa, foi intimada a ordem d'expulsão a ambas; mas não quizeram sair.

Foi então necessaria a intervenção da policia. A superiora do instituto pediu o auxilio d'esta, que fez saber as insubordinadas e tomou conta d'ellas, conseguindo fazel-as entrar como enfermeiras no hospital de S. Francisco. No dia immediato foi um agente policial á Quin-

ta Amarella buscar a roupa das duas expulsas, sendo-lhe entregue immediatamente, pois a superiora já a havia offerecido ás expulsas, que a não levaram logo por não quererem.»

Vê-se que as raparigas não estavam na Quinta Amarella contra vontade, que não foram para alli para ser irmãs, mas para se regenerarem, para se livrarem da vida airada que levam as raparigas desgraçadas e com quem a policia se não importa, e que saíram porque foram expulsas contra sua vontade, mas porque eram desobedientes.

O snr. commissario de policia n'uma carta que publicou nos jornaes mostra tambem a mesma eiva que apodrenta a imprensa portuense, quando diz:—*Pos-to que não creia nos motivos que as duas raparigas dão para a sua fugida da Quinta Amarella...* etc. Pois se a policia foi chamada pela directora da casa para expulsar as duas raparigas, como diz o snr. commissario de policia que ellas fugiram? Caridades do snr. commissario, que até teve a caridade de as metter como enfermeiras no hospital de S. Francisco do Porto!

Este snr. commissario de policia, pela sua caridade, e pela carta, que fez publicar nos jornaes, merecia bem ser antes Commissario da Ordem 3.ª de S. Francisco do Porto, para continuar a proteger as pobres raparigas, nos espiritos *das quies as trevas não são tão densas que não deixem alvejar alguma luz.*

Pois fique certo snr. da policia, que essa pequena luz que as raparigas mostram ter no seu espirito, adquiriram-na na Quinta Amarella, e se ellas para alli não tivessem entrado, já ha muito que ellas teriam levado o livro da matricula da casa policial de que s. ex.ª é commissario, ou teriam já inorrido miseravelmente n'um hospital.

Veja de que serve a casa da regeneração da Quinta Amarella!

E a Associação liberal de Coimbra! O que ella fez, o que ella deliberou! Aquillo é de metter medo aos mais fortes agentes do *jesuitismo*; e, agora, sejamos francos, o quartel general que a Reacção havia estabelecido em Coimbra por obra e graça do snr. Joaquimsinho, do *Conimbricense*, vae de certo arrear bandeiras, enrolar as tendas de campanha e vae a toque de caixa por esse mundo fóra, à procura de sitio apropriado para de novo se estabelecer. Agora sim, que chegou a vez aos da seita negra, aos *abutres* do *jesuitismo*!

Perdemos, por infelicidade, a gazeta onde viramos a noticia das deliberações tomadas pela dita liberal associação, porque se a tivessemos aqui, haviamos mandar apregoal-a por todas as feiras e mercados, acompanhando o pregão de zabumba e gaita de folles, para que por

toda a parte fosse conhecido o que vos, ó chefes do palermismo portuguez, decretastes contra os homens, que vos não fazem outro mal se não o tornar-vos esquecidos, o fazer-vos sombra com o seu saber, com a sua caridade, com o seu amor pela liberdade; pela liberdade que vos odiaes, porque sois escravos da pantomimice macaqueira, porque sois tyrannos, porque elevaes á apothese os symbolos da tyrannia e da prepotencia.

Mas, á vontade, esbravejae, que com isso confirmaes o que o vosso irm.º diz, nas suas jeremiadas—estaes derrotados, caisteis do alto a que vos quizeram elevar, como o pobre burro da fábula, e de focinhos na terra haveis de assistir ao caminhar ovante da Reacção.

Um leitor de gazetas.

Moderação

Os antigos Romanos serviam-se da palavra «*moderari*» quando queriam significar o modo de governar os homens, como se deve haver um Governo a respeito do Povo que governa; por aquella phrase, assim applicada, vê-se que não desconheciam o *nequid nimis*, sendo certo que todo o mal é demasia como toda a virtude não é demasiada. Os Romanos da Roma antiga, embora pagãos, não deixaram absolutamente de proferir verdadeiras asserções, filhas de uma natural recta razão, como não menos se encontra por vezes em seus philosophos, nos seus legisladores e juriscultos; foram como lucidos intervallos nas trevas do Paganismo. O Paganismo moderno é mais intrevassido por isso que procede da Apostasia, e assim, e quanto a Governo, entende que em vez do «*moderari*» deve seguir o «*abusare*». De isto, e n'estes dias, o Governo da actual República em França apresenta tristíssimo notavel exemplo, e como citado Governo todos os homens, que mais ou menos vam com elle. O mesmo Governo, menos francez do que de certos francezes, por certo não vai menos em seu «*abusare*» no que respeita á instrucção publica e não ainda menos em respeito á parte instrucção primaria pois que aquella República busca formar uma geração á sua reproba imagem! A lei, que agora tem sido discutida no Parlamento em Pariz, relativa á instrucção primaria, é de molde a agravar o que a tal respeito tem produzido aquella República que se diz oportunista, e é-o de oportunidade diabolica! E' por isto, que Sua Santidade Leão XIII entendeu fazer ouvir Sua Autorisadissima Voz ao Governo, e Nação

franceza, já que o Documento não tinha o caracter de privado, embora não fosse remettido modo publico. A tal República busca arrancar á França sua alma e coração catholico para a tornar athéa, mas Deus não o permittirá! Onze seculos de Christianismo sam forte barreira contra os esforços-meninos de antichristianismo, acima de tudo a Poderosissima Divindade! Aquella República abusa de modo que se póde justamente dizer sem vergonha! melhor é assim do que se fosse em *latet anguis*, pois poderia de este modo enganar, e então não se vê que semelhantes homens com semelhantes ideas «se deshonravam» no que vai um grande bem para que se inutilisem por uma vez, para sempre, hoje ou amanhã; *il faut les laisser se deshonorer*, nos disse (como já temos dito) o Eminentissimo Cardeal Guibert, Arcebispo de Pariz recentemente fallecido, fallando-se então, no seu gabinete de trabalho, da perseguição ds Ordens Religiosas feita pelo opportunismo republicano em França.

Não é só a França que tem opportunistas da Revolução; logo a seu lado ha uns taes outros opportunistas revolucionarios que têm o Soberano-Pontífice prisioneiro! e por toda a Europa elles estam, desgraçadamente, espalhados e com muitos recursos MATERIAES. Mas os opportunistas da França querem tornar-se n'uma machina continua contra os Interesses catholicos e assim de uma fama satanica! E é de este modo que estes opportunistas estam passando de lei para lei para tornarem as escolas tão leigas, tão secularizadas, que nem de longe haja a lembrança de Deus! Isto, alem de contrario á Religião Positivo-Revelada, é por forma contrario á propria natureza que áquelles energumenos não lhes será possível conseguilo, embora uns tantos ou quantos desejem alcançal-o! Não é possível arrancar ao homem, como lhe é impossível despir-se elle da sua natureza, o senso intimo da existencia de um Ente-Supremo, de um Ser Divino, de um Principio Religioso a que deve recorrer e a que tem de obedecer; a negação de esta verdade é só filha da loucura ou da corruptella do coração: «*Dixit incipiens in corde suo, non est Deus.*» Assentando-se geralmente hoje nas cadeiras do governo civico-politico dos Povos homens do não «*moderari*» em sua vida particular ou em seu pensar como homens, não se póde esperar que elles sejam do «*moderari*» na Governação publica; logo, a immoderação! Dada a immoderação só se segue a desordem mais ou menos pronunciada; é de evidencia, vê-se. Ambição é uma das especies da immoderação, e o numero dos ambiciosos é hoje tão grande quantos sam os homens mais ou menos mettidos n'esse agitar de de-

sordem, embora uns mais e outros menos; diz-se, é verdade, a ambição do bem mas este modo de dizer não significa ambição peccaminosa mas o desejo do bem, de mais bem, do Maior Bem! A immoderação é reinante e companheira é do progresso sem Religião, e assim não ha esperar senão o que o mundo apresenta! Da immoderação resulta o desequilibrio, e nós vemos em tudo a Sociedade desequilibrada e de este modo manifesta a crise a que se referiu o Soberano da Belgica, e todas as outras crises e tantas que está a Sociedade hoje composta de crises, que a força e recursos humanos não podem resolver! Os politicos a seu modo aconselham e applicam á Sociedade umas certas cataplamas, que cahem de este corpo sem terem produzido nem sequer um allivio verdadeiro; aliás o doutor chocate obtinha alguns bons resultados do chocolate que receitava para toda a molestia; a Sociedade está um Hospital em que enfermos e medicos sam todos doentes, e ás vezes mais os medicos que os assistidos por os primeiros serem primarios na causa da epidemia contagiosa!

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO ILLUSTRADA.

I

S. José

Veja-se o artigo sob este titulo em outro lugar d'este n.º

II

A Annunciação

E' sublime o quadro que a nossa segunda gravura representa! E tão sublime, que foi d'essa scena admiravel, pathetica, que mostra a omnipotencia de Deus, que principiou a operar-se a regeneração da humanidade.

A SS. Virgem achava-se só, á hora vespertina da tarde, entregue á oração e á meditação. Com os olhos semi-velados, juntas as mãos, e o espirito alandando-se nas azas do divino amor pelas regiões celestes, apparece-lhe, envolto em luz brilhantissima um anjo, um enviado do Senhor, que, ajoelhando lhe diz:—«Deus te salve, ó cheia de graça! o Senhor é contigo; bemdita és tu entre todas as mulheres.»

A SS. Virgem arroubada no amor de Deus, e, abismada em tanta dita, cruza no peito as mãos, curva a fronte e diz:—«Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim a sua vontade, segundo tua palavra.»



A ANNUNCIACÃO

Ditas estas palavras o Anjo desapareceu, e Deus baixou á terra, tomando fôrma humana, no seio purissimo da mais pura das Virgens.

A nossa gravura representa admiravelmente a humildade da SS. Virgem banhada pela luz do Espirito Santo, e a respeitosa alegria do mensageiro celeste, e até o contentamento que ia no céu entre os grupos dos anjos, que todos queriam vir assistir á mensagem divina, preludio do mais assombroso mysterio da Religião Santissima de Jesus.

R.

SECÇÃO LITTERARIA

Per viam

Já as signas primeiras ondeando,
hão perpassado, enchendo a rua e o espaço.
De mantos de violeta fluctuando,
segue uma e outra fila, a passo e passo.

Sem damascos e purpura se arream,
opulentas janellas e sacadas.
Gentilissimos rostos enxameiam;
brilham sedas e joias facetadas.

Lá veem vindo dramaticas, piedosas,
as sagradas estatuas tristemente;
e as musicas solemnes, lacrimosas,
vibram mais perto já, plangentemente.

Eil-a, a Martyr!... Nos cillios a rolar,
cae, baga a baga, dolorôso fio!
Vêde-lhe as mãos convulsas apertar,
e de angustias o rôsto quão sombrio!...

Mas primeiro os olhares prende e attrae,
do reu sublime a magestade ingente.
Curva-se a turba, e de joelhos cac,
ao vê-lo sob a cruz, surgindo em frente.

N'uma expressão heroica e resignada,
cil-o passando humilde e lentamente;
o olhar sereno, e a bocca entrecerrada,
curvado para o chão herculeamente!...

1886.

Matos Ferreira
prior em Cintra.

Errata importante:

Na oitava quadra do hymno das Filhas de Maria, publicado no n.º 8 d'esta Revista, onde se lê:

—Turbilhão de iriados insectos,
seduziu-os um raio de luz; etc.

Deve ler-se:

—Turbilhão de iriados insectos,
seduziu-nos um raio de luz; etc.

A's Avé Marias

ao cair da noite.
O sol agonizante esconde-se ao longe por detraz da curva ondulosa do horisonte, assignalando a transição da luz para as trevas.

Estamos n'uma aldeiasinha da Beira que se espreguiça sorridente no declive d'um pequenino monte.

Pobre, como indica a pequenina area de terreno agricultado, é todavia feliz, muito feliz, porque possui ainda um thesouro abundantissimo, mais estimavel sem duvida que todas as riquezas mundanas—a Crença.

Não tem palacios deslumbrantes nem edificios magestosos; mas tambem lá não camp'a infrene a devassidão nem se alt'a impavido o vicio dos grandes centros.

Os seus habitantes essencialmente trabalhadores, são tambem profundamente religiosos: e se alguem, um dia, se lembrasse de escrever a historia d'ella, poderia, desistindo do tentamen de encontrar a sua origem perdida lá na noite do passado, descrevel-a sob estes dois aspectos:—Religião e Trabalho. Mas ella é humilde e quem se lembra dos humildes?!

A mim, como seu filho, sobeja-me a vontade de lhe ser util, mas faltam-me os recursos intellectuaes.—Pouco posso, pouco valho.

Foi aqui que minha mãe, a minha boa mãe, me ensinou a orar: foi aqui, que ella, sentando-me no regaço, me fazia levantar as mãos pequeninas ao ceu, para me ouvir radiante de contentamento balbuciar—*Padre nosso que estaes nos ceus!*..

Depois ella sempre carinhosa e amovavel inundava-me as faces n'um diluvio de beijos—Era o amor de mãe a despertar o sentimento religioso, ainda adormecido no meu coração juvenil.

Ai, que saudade immensa eu não tenho da minha meninice!

* * *

E', como disse, ao cair da noite.

O rude aldeão que andara durante um dia inteiro, vergado ao peso do trabalho, volta alegre e satisfeito aos seus penates, onde o aguardam os carinhos da familia.

Ouve-se por toda a parte a doce melopèa das trovas populares. Notae que de descantes! que enthusiasmo!

Canta-se, ri-se... uma alegria invejavel! e até... reparae bem n'aquelle grupo que alem vem ao passar do ribeiro que vai deslizando brandamente ao sopé do monte! Vedes?

Que animação! Pois bem: sabeis que veem ou disculindo acaloradamente os melhores processos a empregar no amanho das terras ou lamentando resignadamente os estragos que a ultima trovoadra fez, destruindo-lhes as searas já quasi sazoadas.

De repente porem ouvem-se badalar na torre as—Avé Marias.

Foi o bastante. Que silencio tumular! Todos se descobrem immediatamente, recitando baixinho as preces costumadas.

Oh! que momento sublime!... Que devoção! Como é edificante tudo isto! Que poesia, que encanto! A alma sente-se inundada de emoções suaves, ao presenciar estas scenas de uma belleza indefinida.

Se o pincel de Sanzio ou Murillo tivesse reproduzido na tella tão grandioso assumpto, era o bastante para ao contemplal-a curvamos a fronte e admirando o genio dos artistas exclamar: religião e arte, nós vos saudamos!

Encantador!

Só a religião de Jesus nos pode offerecer d'estes quadros; só ella, ainda nas praticas mais simples, nos revela a sua origem divina; só ella é emfim o doce fanal que nos conduz atravez do mar procelloso da vida ao porto seguro da eterna felicidade.

Salve, religião Santa!

José da Costa Ventura.

O Amor da Familia

NADA ha mais grande e mais sentimental no mundo social do que o amor da familia. Esta dedicação imposta por Deus ao homem é garantida tão livre e docemente nos primeiro e quarto preceitos do Decalogo, é uma tendencia nata no coração humano: é o elo mais forte e poderoso de todos os seres racionaes, e respeitado até nas selvas e nos desertos por aquelles que vivem por instincto, e que no meio das suas ferocidades sanguinarias sabem com ad-

miraveis meiguices acariciar os seus progenitores.

O amor de familia é uma pagina de intimo sentimento, que se acha gravada no verso d'aquella aonde se vêem escriptos os deveres de amor da patria; é para assim dizer, uma especie de additamento ao sentimento nacional, que se fosse apagado do coração do homem, a ordem se tornaria em anarchia e a civilisação em deshumanidade.

O amor de familia que nasce com o homem e se desenvolve n'elle, é o esteio solido da moralidade, e a pedra angular aonde assentam todas as bases da religiosidade, é emfim o prologo grandioso das leis da civilisação antiga e moderna, que estabelece principios doutrinaes ao homem para este poder manter inabanel a segurança do grande edificio social, chamado mundo.

O amor da familia, abençoado pelo halito sagrado do Evangelho, deve ser tão respeitado entre os povos incultos como pelas nações mais civilizadas. O amor da familia é o echo sacratissimo da voz de Deus dentro do coração do homem; é a perola mais brilhante do mundo moral, o dizer mais intimo da consciencia, e por tanto o facho mais luminoso da religião augusta do christão.

Basta o dizer-se: amor da familia para subintendermos n'este santo dizer o amor do proximo e da patria.

Com o amor da familia, a mãe acaricia o seu filho ao peito. Os paes decrepitos recebem soccorros no ultimo quartel da villa, prestados por aquelles a quem deram o ser; com o amor da familia os sentimentos paternaes e filiaes ajudam a sustentar todo o organismo social; com o amor da familia finalmente, a patria lucra, a sociedade aproveita e a civilisação progride, porque é a voz de Deus que aponta ao homem o caminho de todos os deveres.

J.

SECÇÃO NECROLOGICA



ALLECEU na sua casa de Girabelhos em Cea o Ex.º Sr. Manuel de Mendonça Falcão da Cunha e Tavora, representante de uma das mais nobres familias da Beira Alta, assignante e amigo da nossa Revista, como verdadeiro catholico e portuguez de antiga raça, que era.

Estão portanto de luto dois assignantes e amigos do *Progresso Catholico*, os

Ex.^{mos} Snrs. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, e Antonio de Mendonça Falcão e Povoas, irmãos do fallecido. A ambos estes respeitaveis fidalgos, e com especialidade ao primeiro com a amizade de quem muito nos houramos, enviamos sentidos pezames, assim como a todos os parentes entre os quaes a nossa Revista tem numerosissimos leitores.

A todos os amigos do *Progresso Catholico*, pedimos uma prece pela alma do finado, para que o Senhor lhe dê as recompensas reservadas para quem como elle soube na terra caminhar pelo caminho do dever.

Necrologio

A seu presado primo. P.º José Joaquim Vieira em testemunho de profunda saudade

In memoria eterna erit justus.

Não pretendo, amigo, fazer a apologia de tua vida pura e illibada, mas banhado em lagrimas, mostrar a dor extrema que me causou a infausta noticia da perda de tam excellente amigo e dedicado parente.

O teu amor e dedicação constante ao estudo, o teu labutar continuo pela gloria da religião Sacrosanta, o cuidado que sempre te inspirou a salvação das almas, e o exemplo de tua vida aureolada de todas as virtudes, tornarão immorredoura a memoria de tam virtuoso sacerdote.

Porém, todos estes excellentes dons não poderam socorrer-te contra as violencias da inexoravel morte; nem a estima universal de teus sinceros amigos, nem a ternura de teus queridos irmãos, obtiveram d'ella a prolongação do termo.

A esperanza que tinhas d'uma proxima felicidade, dava-te constancia e paciencia nos soffrimentos e provações que por tanto tempo te maceraram; tu consolavas aquelles mesmos que enternecidos viam proxima a tua separação; soffreste com toda aquella fortaleza que é possível conservar no excesso dos mais terriveis males. Oh! quam socegoado foi o fim de teus dias!

Com que risonho aspecto não cerraste teus olhos á luz! Então Deus se amerceou de ti assistindo aos teus ultimos momentos, fez resplandecer na tua alma a felicidade que se lhe apropinquava, desterrou da tua vista os terrores e fantasmas do tumulo, sustentou com sua omnipotente mão tua agonisante cabeça; uma voz celeste dictou á tua consciencia palavras de paz e consolação. Socorrido por Deus n'este ultimo combate, deixaste o campo da batalha não como triste prisioneiro, mas como alegre con-

quistador que marcha triumphante para o seio da immortalidade. Que contentamento seria o teu, quando em vez d'amigos banhados em lagrimas, te viste cercado de candidos e puros espiritos! No meio d'esses guias celestes, perdeste de vista esta terra ingrata e infeliz, habitação dos infortunios, guarida de creaturas perversas e iniquas.

Mas tu, joven levita, que frues a companhia dos justos, no meio dos canticos e hossanas angelicos, não te esqueças de teus desditosos amigos a quem tam cedo foste arrebatado, e que entre prantos e soluços rogam a Deus por teu eterno descanso.

Aguas Santas.

M. J. C.

RETROSPECTO DA QUINZENA



JUBILEU sacerdotal de S. Santidade Leão XIII tambem vae tendo adeptos n'esta Archidiocese. Do nosso collega da *União do Clero*, transcrevemos com summo prazer o seguinte:

«Já está nomeada uma comissão para os festejos do Jubileu sacerdotal do Sancto Padre. Como o dia d'este jubileu é a 31 de dezembro do corrente anno, e na quadra do inverno não pode ter lugar a festa, consta que será solemnisado o dia 29 de junho dia de S. Pedro e S. Paulo, havendo no Real Sanctuario do Bom Jesus uma pomposa festividade com Missa pontifical e communhão geral, precedida de 3 dias de preces e confissões na igreja do Populo, e uma grande romaria para a qual serão convidadas todas as associações do Coração de Jesus e as varias commissões que dirigiram as peregrinações antecedentes á capella de N. Senhora da Conceição do monte Sameiro.»

Bravo! Folgamos com tal noticia e muito desejamos que, realizando-se, seja altamente digna do fim a que é destinada, e que não desminta a fama de que goza o povo de Braga no tocante a pomposas festas.

Temos assistido aos piedosos exercicios do mez de S. José, feitos na igreja da Misericordia pelas Filhas de Maria. E' um modo magnifico de passar um pouco de tempo desde as 5 ás 6 horas da tarde entregue á oração, á meditação da passagem do glorioso Patriarcha pela terra. Não podiam as virtuosas senhoras, que formain n'esta cidade a Pia União das Filhas de Maria, esquecer-se do esposo de sua divina Protectora, e por isso nós as vemos fazendo resoar pelas abobadas do templo

festivos canticos, e chamar o povo vimaranense para render devoto preito ao Protector da Igreja Universal.

Recompense Deus quem assim nos chama para o triumpho, porque é no templo que nós obteremos as graças do céu.

Não assim os que cá fóra o tempo desperdiçam em loucos folgares, que certo é o castigo, como ha pouco experimentou o povo de Nice e outras cidades da França e Italia.

Em Nice foi um delirio durante o entrudo, gastando-se sommas fabulosas em cavalhadas, em jogos, etc. Disse-nos um jornal francez, que só em violetas se gastaram dezenas de contos de réis, e em vestidos e carros uma quantia pasmosa, espantosa! E foi n'esta cidade, onde mais delirantes e estouvadas foram as festas carnavalescas, que mais se fez sentir o castigo.

Na quarta-feira de Cinza eram ainda as ruas cheias de *caretas*, que saiam dos bailes ou dos cafés onde haviam ficado a reparar as forças, e foi justamente na manhã de quarta-feira de Cinza que um tremor de terra medonho apavorou toda a cidade. Eis como uma correspondencia de Nice para um jornal de Paris, descreve o horroroso cataclismo:

«O primeiro abalo sentiu-se ás 6 horas menos 5 minutos. O céu estava todo cõr de fogo. Foi tal a impressão de terror em toda a cidade, que muitos cuidaram ter chegado a sua hora derradeira. Immediatamente, todos os habitantes abandonaram o leito e a casa correndo para as ruas, que offereciam um aspecto extravagante e consternador.

Nas grandes praças da cidade, o terror manifestava-se em todos os rostos. Cada qual salvava-se como podia. As mulheres saltaram do leito e appareceram na rua em camisa; os homens com os pés descalços e as calças na mão; as creanças, acordadas de surpresa, appareciam nuas, aos collos das mães ou das amas. Cada qual refugiava-se onde podia, já nas praças, já nos jardins, e passados os primeiros momentos, todos tratavam de se auxillar uns aos outros.

Em todos os bairros da cidade se notava o mesmo panico. Parecia que toda a gente vinha d'um outro mundo. Nas praças tinha-se formado especies de acampamentos. Na avenida da Gare via-se uma multidão enorme, compacta e inquieta. Uns em paletot, outros em calças, muitos em camisa; e no meio d'essa multidão espavorida e consternada, muitos dominós e pierrots, saídos do ultimo baile de mascarar, e aos quaes o tremor de terra surpreendera com o riso nos labios e a mascara no rosto!

Essas apparções, que, n'uma outra

ocasião pareceriam divertidas, lançavam uma nota lugubre sobre o caso.

Ao primeiro abalo, pararam todos os relógios da cidade.

O mar está muito calmo e o céu d'um azul puríssimo.

As casas ficaram completamente abandonadas. A municipalidade mandou estabelecer em todas as praças tendas, onde os habitantes se abrigam.

Muitos refugiaram-se nos omnibus, em barracas, em fiacres, que nos primeiros momentos se alugavam por preços fabulosos, a cinco e seis libras.

Os estrangeiros, que tinham ido passar o carnaval a Nice, fugiram todos. Os comboios não podiam receber todos os que se apresentavam na estação com bilhetes.

Oito comboios supplementares partiram em direcção a Paris, conduzindo seis mil viajantes.

Tres mil foram para a Italia. »

Os ultimos telegrammas davam mais de 2:000 pessoas mortas nos terremotos, e mais não se sabia ainda de tudo.

Se não fossemos incommodar os *sabios* diriamos que isto foi um castigo; mas ou fosse ou deixasse de ser os resultados dos brincos e das despesas desregradas foram funestissimos. Por isso repetimos, vamos antes para o templo.

Os nossos leitores devem lembrar-se de lhe havermos dado a noticia de que um correspondente de Arouca para um jornal do Porto, exaltava a *caridade* do governo por que mandou dar a cada uma das religiosas que ainda vivem no convento d'Arouca, velhas e sem meios de viver, 120 reis diarios a cada uma. Dar 120 reis por *caridade*, ás habitadoras d'uma caza riquissima, era já o cumulo da desvergonha; mas ha ainda mais, que prova a *caridade* d'um governo, que tem por presidente um patusco que mereceu missas em acção de graças por não ter sido levado d'esta para peor vida. Escutemos o que o mesmo correspondente diz para o mesmo jornal:

«Disse n'outra correspondencia que o governo ordenara fossem dados a cada uma das pobres velhas, que ainda residem no extinto convento d'esta villa 120 reis diarios; e com effeito se tem procurado as respectivas folhas, porem são passados mais de tres mezes, sem que tenha vindo ordem de pagamento, e assim estão as pobres desditosas passando as maiores privações.» (Isto vem no *Primeiro de Janeiro*, que pertence ao progresso que nos rego).

Nem os tristes 120 reis!! Se fosse para premiar os *serviços importantes feitos ao pais* por algum comediante, havia uma posta gorda para lhe dar;

como, porem, se trata de pobres mulheres expoliadas em nome da liberdade e do progresso, promette-se-lhe unicamente um osso, e depois, nem esse osso se lhe dá.

Caridade revolucionaria!

No Seminario de Coimbra tem havido aos domingos e dias santificados missa cantada e homilias pelos alumnos do curso theologico.

Tem-se feito ouvir os distinctos escolares Snrs. Domingos da Encarnação Coelho e José da Costa Ventura.

Muito nos compraz dar esta noticia porque é prova de que o Seminario de Coimbra timbra por se collocar a par dos mais bem conceituados estabelecimentos d'esta ordem.

E fallando de Coimbra e de padres, logo nos vem á ideia Joaquim Martins de Carvalho, o ralhador eterno, e porque d'elle nos lembramos, sempre lhe fazemos presente d'esta noticia, pedindo-lhe desculpa das colicas que lhe ha de causar:

O principe Carlos de Hohenloe-Lamgenbourg, de 20 annos, e o conde Paulo Iluyn, das primeiras cazas da Austria, entraram ha poucos dias na companhia de Jesus.

E porque aconteceu isto? porque estas vergontas de cazas tão nobres, tão respeitaveis, se foram mesclar com a *seita negra*? Por uma cousa bem simples! Por que os paes dos principes não se lembraram em tempo competente de assignar o *Conimbricense*, e de o dar a ter a seus filhos. Estava n'isto o remedio; agora, snr. Joaquim Martins de Carvalho, é dar-lhe as boas idas!

Tambem a Russia vae saboreando os fructos da revolução, d'essa revolução que ella, envolta no seu amplo lençol de neve e coberta com as custosas pelles do Norte, tem visto estender-se e medrar, e para a qual teria, de certo, um riso de indiferença, nada se receiando d'ella, porque broquelada com as grandes massas de seus exercitos. Mas a imponencia de seus esquadros, e a soberba artilheria, e todos os seus estado-maiores nada valem, de nada servem, porque essa revolução que provocara o riso da grande potencia, entrou-lhe no exercito, penetrou na guarda imperial, apoderou-se dos grandes chefes militares, e até os gran-duques estão filoxerados pela peste damninha que ha um seculo adoenta a Europa.

Agora é uma conspiração descoberta dizem que com o fim de se apoderarem do Czar e de toda a imperial familia, para proclamarem uma nova época na Russia. Fazem-se prisões, abrem-se aper-

tadas devassas e estende-se o terror por todo o vasto imperio.

Era preciso que lá chegasse.

O nosso estimavel amigo o Rv.^{mo} Abbade de Santo Thyrsso, Joaquim Augusto da Fonseca Pedroza, comprou para a igreja da sua freguezia uma Custodia de prata, que, averiguado o caso, havia pertencido ao mesmo mosteiro de Santo Thyrsso no tempo dos frades. Voltou a sua casa aquella preciosidade, mas á custa de dinheiro, podendo dizer-se que foi comprada duas vezes.

Estava fóra ha mais de 50 annos e o apparecer agora á venda prova que o *amigo dos frades* que a havia empalmado morreu, ou cousa semelhante.

Roubou-se tanto!

Foram ha dias executados em Sevilla quatro reus que haviam sido condemnados á morte, e isto pelo facto de aggreirem a guarda civil (o que é menos que matar um bispo). As familias dos desgraçados imploraram do Snr. Cardeal Gonzalez a graça de solicitar da rainha o indulto, o que o sabio prelado fez telegraphando para Madrid, recebendo em resposta que o Governo não podia aconselhar o indulto.

Mulheres e filhos foram despedir-se de seus maridos e paes, entre lagrimas, e o carrasco cumpriu a sentença.

O que admira é que nem o coração altamente amavel da formosa viuva de Afonso XII se não abrisse como se abriu para lançar a torrentes a regia graça do perdão, como fez a Villacampa e companheiros, nem os medicos achassem que os pobres homens estavam doidos quando atacaram a guarda civil, como acharam o infame Gallote assassino do virtuoso Bispo de Madrid!

E' que os quatro infelizes tinham a felicidade de não ser dos da geringonça, dos . . . , porque se o fossem o coração generoso da *nuestra hermosa reina*, havia forçosamente inundar tudo de *gracias*.

Em compensação Gallote continua a ser examinado pelos sabios.

A Sociedade Martins Sarmiento, d'esta cidade, annunciou que fornecia os livros necessarios aos pequenos escolares que não tivessem meios de os comprar. Sabemos que já tem distribuido um bom numero d'elles, com o que faz um bom serviço e uma obra de caridade, pois que muitos paes deixariam de mandar os filhos á escola por falta de meios para comprar os livros, ordinariamente caros.

Louvamos a direcção da Sociedade por isso.

J. de Freitas.